

Uma metodologia peirceana para estudos jornalísticos¹

Gilmar Hermes²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

O texto apresenta a metodologia utilizada numa pesquisa para elaboração da tese de doutorado, com pressupostos da Semiótica de Charles Sanders Peirce e das Teorias do Jornalismo. Esse pano de fundo teórico foi escolhido em função do objeto de análise serem ilustrações jornalísticas. A semiótica peirceana permite abordar os objetos do ponto de vista estético e também inseridos na análise das rotinas produtivas, que caracteriza as pesquisas de jornalismo na linha interacionista. A elaboração lógica das observações na pesquisa de campo é realizada tendo em vista as categorias fenomenológicas explicitadas por Peirce: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, visando identificar os valores/notícia.

Palavras-chave: ilustrações; semiótica; jornalismo; estética.

Na minha pesquisa de doutorado, com o título *As Ilustrações de Jornais Diários Impressos: Explorando Fronteiras Entre Jornalismo, Produção e Arte*, estudo o assunto pelo viés das Teorias de Jornalismo, aliadas à Semiótica de Charles Sanders Peirce (1839-1914). Incluo as questões estéticas na linha teórica de estudos de comunicação que investigam a produção jornalística, na perspectiva da teoria interacionista (TRAQUINA, 2004). Observo como os profissionais ilustradores praticam essa atividade de caráter artístico, inseridos nas rotinas jornalísticas do jornal *Folha de São Paulo* e, também, em outros três veículos impressos de grande circulação, *Zero Hora*, *Jornal da Tarde* e *Estado de São Paulo (Estadão)*. Esses veículos foram escolhidos em função dos números de circulação e, também, pelo fato de, no momento da pesquisa de campo, dedicarem um espaço gráfico significativo às ilustrações.

Faço considerações semióticas às ilustrações publicadas no decorrer dos anos de 2003 e 2004 nesses veículos, ao lado do relato das investigações das rotinas jornalísticas através de entrevistas e acompanhamento dos trabalhos, junto às redações.

A aparição das ilustrações geralmente abstratas, feitas por artistas plásticos, nas edições de domingo do jornal *Folha de São Paulo*, é algo bastante significativo e tem muito a dizer sobre os limites e as perspectivas da elaboração gráfica de um jornal. Também faço referência a um outro projeto, que teve a participação de artistas plásticos, desenvolvido em 1989, no *Jornal da*

¹ Trabalho apresentado no NP de Semiótica do VI Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Gilmar Hermes é doutor em Comunicação pela Unisinos. Contatos: <ghermes@yahoo.com>.

Tarde, além da obra do artista plástico Leonilson, considerado como uma referência dessa atividade pelos entrevistados.

A Teoria Geral dos Signos, de Peirce, fornece os fundamentos lógicos tanto para a análise das ilustrações como para a investigação dos desdobramentos de sua produção, exatamente por possibilitar a compreensão da dimensão estética dos processos midiáticos. Também pode ser tomada como uma fonte lógica, que possibilita um maior rigor em todo esse estudo que se pretende científico. Afinal, Peirce, voltado em toda a sua vida para problemas da lógica, esteve preocupado em elucidar as diferentes formas de pensamento e o modo como nos aproximamos de uma melhor compreensão da realidade.

Procuro trabalhar o assunto, teoricamente, na linha das pesquisas sobre a produção jornalística, numa perspectiva semiótica, utilizando as concepções de Peirce. A escolha desse referencial teórico é decorrente do fato de ele permitir uma abordagem, ao meu ver, mais comunicativa dos problemas estéticos. O pensamento de Peirce tem um espectro muito amplo. Por isso, tratei-o, sobretudo, como um elucidador do problema do signo, como uma forma de compreensão das mediações, tendo como foco os problemas estéticos.

Peirce pensou que tudo pode funcionar como um signo e, dessa forma, vinculou a Semiótica a um amplo leque epistemológico. Ele trata a problemática do signo através de relações triádicas. De uma maneira geral, seu pensamento considera, positivamente, que ocorre uma transformação da nossa compreensão da realidade, através das semioses. Enquanto os tipos de signos estão para seus objetos e interpretantes, os diferentes tipos de mediações estão para as suas conexões com a realidade e os conhecimentos estabelecidos. Em processos relacionais, processos semióticos contínuos, nosso vínculo com a realidade está sempre em mudança. Ao meu ver, a teoria peirceana ajuda a pensar essas relações e a estabelecer um olhar semiótico em torno delas. Podem-se destacar, como ocorre neste caso, as conexões que se dão no plano estético da experiência. Nesse sentido, procurei estabelecer um olhar semiótico sobre a prática profissional das ilustrações, problematizando a relação que ocorre nessa atividade, entre os campos do jornalismo e da produção artística.

Através da Teoria Geral dos Signos, Peirce trouxe uma contribuição fundamental, tratando de uma forma relacional as formas de conhecimento *a priori* e *a posteriori*, da ordem dos conceitos e da ordem das intuições da sensibilidade.

Interessa-me tomar a obra de Peirce como a de um pensador que contribuiu para o conhecimento da comunicação. A comunicação poderia ser definida como campo, sobretudo como um fenômeno moderno, que, em função da especialização de outros campos, configura-se como um lugar de fluxo. Esse lugar de fluxo é próprio para conexões, inter-relações e jogos entre os planos da experiência que se configuram através dos conceitos e da sensibilidade, manifestados através de diferentes áreas do trabalho e do conhecimento. Neste sentido, o que é da ordem da sensibilidade dialoga com aquilo que corresponde ao conceitual, constituindo não só um problema retórico, mas, evidentemente, de comunicação, de mediações semióticas.

Desejo, particularmente, tratar a comunicação como contexto de inserção de aspectos do campo artístico. Nesse lugar de fluxo, a comunicação, tentei observar o papel de elementos artísticos, em que o papel da disciplina estética pode ser observado de maneira mais nítida. Essa disciplina é voltada para problemas da sensibilidade, o que é inerente a todas as atividades humanas e, portanto, também à comunicação e não só às artes. Dessa forma, o que pode ser reconhecido como artístico é o que de mais estético existe na comunicação. A comunicação e a estética são duas disciplinas, que podem ser abordadas interdisciplinariamente ou, até, transdisciplinariamente. O ponto de encontro entre as duas ocorre, de acordo com o meu objeto de pesquisa, naquilo que pode ser reconhecido como artes visuais no jornalismo impresso.

O campo das artes visuais é caracterizado, na Modernidade, pela sua ênfase estética, pois não precisa mais ser, necessariamente, vinculado, por exemplo, aos temas históricos, às representações naturalísticas ou à religiosidade, como ocorreu nos séculos anteriores à Modernidade. E, na Modernidade, esse campo perdeu o caráter instrumental que caracterizou, principalmente, o seu vínculo às religiões. As abstrações – um fenômeno artístico tipicamente moderno – fazem com que o espectador se depare com um sentido complexo, que aponto para o que considero um verdadeiro enigma semiótico, que pode ser, por sua vez, estudado através da teoria peirceana.

A estética, esse campo voltado para a questão do sensível, como tenho observado, é explicitada da melhor forma pela categoria peirceana da primeiridade (qualidade). Essa, ao lado da secundidade (singularidade) e da terceiridade (generalidade), é uma das balizas das relações entre signo, objeto e interpretante.³ Assim como as demais, a categoria da primeiridade não é um

³ Nas suas dez classes sígnicas mais conhecidas, apresentadas nas traduções brasileiras de seus textos, Peirce está atento aos diferentes efeitos dos signos, que decorrem dos tipos de representações e relações com os objetos. Ele começa com os tipos de signos mais marcados pelos aspectos qualitativos, na categoria da primeiridade, o que seria o caso de um qualissigno (remático,

conceito classificatório e, sim, relacional. Por ser relacional, serve à comunicação, atividade que produz intermediações entre diferentes campos.

Apesar de eu estar lançando um olhar estético sobre o jornalismo, buscando vê-lo sobretudo do ponto de vista da primeiridade, encontrei muitos exemplos de imagens, caracteristicamente midiáticos. Essas se impõem prioritariamente pela terceiridade, a inteligibilidade (própria dos símbolos), que é uma característica mais diretamente relacionada ao texto verbal, do que pela primeiridade, que é aquilo que nos atinge mais pela sensibilidade (própria dos ícones). Do ponto de vista da terceiridade, também aparecem os valores/notícia, que Traquina considera como um “*elemento fulcral da cultura jornalística*” (TRAQUINA, 2005, p.77). Esses valores surgem, tanto como critérios de noticiabilidade, como formas de apresentação do conteúdo noticioso.

Hoje, podemos observar o uso de muitos procedimentos artísticos, percebidos ao longo da história da arte, na produção de ilustrações. Isso se intensifica, inclusive, pelo uso das técnicas de computação gráfica. Uma das diferenças fundamentais da estética midiática está no fato de as mensagens serem submetidas às regras de produção do jornalismo. Dentre essas, a da “simplificação” ou “clareza” é uma das que atinge mais diretamente às ilustrações, vinculando-as às definições estéticas mais tradicionais, que relacionam a arte à imitação da natureza.

Os procedimentos estéticos, nesse sentido, são tratados de forma a corresponderem a um interesse instrumental, lembrando momentos da história da arte anteriores à abstração moderna, quando o trabalho artístico se justificava pelo vínculo que tinha em relação ao mundo exterior, não assumindo plenamente o seu caráter de qualissigno. Poderíamos estabelecer comparações entre as teorias do jornalismo, conhecidas como “teorias do espelho”, e as tradicionais formas de representação naturalísticas da arte. A arte moderna, com a sua pretensão de um fazer puramente estético, em geral, tenta evitar esse caráter que, inevitavelmente, compromete o jornalismo do ponto de vista artístico.

Neste estudo, considero observações feitas durante o acompanhamento das rotinas dos jornais *Zero Hora*, *Estado de São Paulo (Estadão)* e *Jornal Tarde*; entrevistas com os artistas plásticos participantes do projeto no jornal *Folha de São Paulo*; entrevistas com os editores de

icônico, qualissigno) e finaliza com uma relação triádica plena no âmbito lógico do signo, que seria um argumento (argumento, simbólico, legissigno). Há uma transição de uma experiência no nível de primeiridade, que estaria mais ligada às sensações, para a experiência no nível de terceiridade, de caráter mais lógico. A tríade que corresponde ao próprio signo, o representamen, é a do qualissigno, sinsigno e legissigno. Esses três tipos de signos correspondem, no ponto de vista do representamen, às categorias fenomenológicas da primeiridade, secundidade e terceiridade.

arte dos jornais *Zero Hora*, *Folha de São Paulo*, *Estadão* e *Jornal da Tarde*, e com os ilustradores do jornal *Folha de São Paulo*, que trabalham em suas casas ou estúdios, fora da redação.

Na pesquisa de campo, ainda foram realizadas as entrevistas com os ilustradores Gilmar Fraga, Bebel (ambos da *Zero Hora*) e Carlinhos Muller (do *Estadão*), que não estavam presentes no momento do acompanhamento das rotinas.

Também analiso ilustrações de todos os jornais e de todos os artistas plásticos, participantes do projeto da *Folha*, que identifico como núcleo de problematização desta pesquisa. Além de ilustrações vinculadas à observação das rotinas, faço a leitura de, pelo menos, um trabalho publicado, de cada um dos ilustradores entrevistados, tecendo considerações semióticas, pensando nas suas concepções e nas suas rotinas de trabalho.

Fazem parte do resultado final diferentes vozes: a minha, de pesquisador, as dos ilustradores, as dos artistas plásticos, as dos editores e as vozes dos autores, tomados como referenciais teóricos. A leitura semiótica textual das imagens publicadas é feita à luz dessas observações, que somam à semiótica as perspectivas das teorias do jornalismo, voltadas aos aspectos organizacionais e construcionistas dessa atividade. As observações feitas durante o acompanhamento das rotinas, ao lado das entrevistas e de alguns registros materiais, constituem signos, idéias, conceitos, definições, à medida em que são relacionadas com o produto final, que se vê nas edições dos jornais. Enquanto fui elaborando o texto da tese, pouco a pouco, vi os exemplares dos jornais estudados, cada vez mais, como a materialização de uma série de relações e preceitos profissionais.

Em função do caráter dinâmico das mudanças, no quadro profissional das redações, é importante considerar que essas constatações se referem a momentos específicos, que não são exatamente os mesmos, para todos os veículos e profissionais analisados. Embora as observações tenham sido feitas entre janeiro de 2003 e fevereiro do ano de 2004, por uma questão de organização e, até mesmo, física, foi impossível fazer todas as anotações em períodos simultâneos ou muito próximos. Nesse sentido, há algo de inevitavelmente fictício nesta construção textual, em termos de relação temporal. Todos os depoimentos e considerações, por isso, foram notificados quanto à sua data de realização.

É possível que, atualmente, as visões particulares dos artistas e dos ilustradores já não sejam as mesmas. Por esse motivo, nas minhas considerações às ilustrações publicadas, procuro usar exemplos da época das observações das rotinas e das entrevistas. O objetivo é, a partir de

ocorrências e de seus respectivos dados qualitativos, produzir conhecimento nessa área jornalística, na ordem da terceiridade, quanto à identificação de práticas e conceitos comuns ou, na ordem da primeiridade, indicando tendências ou possíveis definições, que possam criar *insights* em torno desta prática profissional, o que corresponde à lógica da abdução, teorizada por Peirce. Alguns ilustradores entrevistados, que atuavam nas redações durante os estudos de campo, já não ocupam os mesmos cargos hoje ou não trabalham para a mesma empresa no momento de elaboração dessa tese.

Em termos peirceanos, procurei observar, no contexto codificado do jornalismo, ocorrências singulares (secundidade) que, à medida em que são recorrentes, podem configurar regras profissionais (terceiridade) ou tendências de mudança ou questionamentos (primeiridade), ainda sendo esboçadas, não plenamente evidenciadas como signos dessa prática. Assim, cheguei a resultados voltados para o futuro, em termos de compreensão dessa atividade jornalística nas suas práticas atuais, nas suas tendências e nas suas possibilidades.

Transcrevi depoimentos que considero próximos aos processos, vistos como objetos dinâmicos⁴ – a medida em que possam ser percebidos como manifestações na ordem da secundidade – segundo os quais é possível se aproximar da realidade de uma prática jornalística. Muitas falas têm um caráter mais geral, pelo fato de representarem as práticas através de leis ou pontos de vista. Outras podem ter um caráter mais dinâmico, por estarem vinculadas a uma prática singular observada. Ao lidar com a produção de signos imediatos, nos depoimentos, e com profissionais acostumados a atuarem no plano da linguagem, me deparei, sobretudo, com signos do tipo simbólico, na ordem da terceiridade. Em relação às suas práticas, contudo, como é próprio das pesquisas voltadas às rotinas jornalísticas, disponho de signos na ordem da primeiridade e da secundidade, que, contudo, ainda permitem vislumbrar possíveis argumentos na ordem da terceiridade. Essas perspectivas estão presentes, também, nos resultados impressos das práticas, analisados posteriormente.

Para compreender os processos de trabalho dos ilustradores, a partir de observação das ilustrações jornalísticas e de sua relação com o projeto artístico da *Folha*, elaborei questões que foram respondidas pelos editores da *Zero Hora* e da *Folha*. Na *Zero Hora*, fiz as primeiras observações de rotinas, o que permitiu preparar questionários a serem aplicados junto aos

⁴ Peirce diferencia o objeto dinâmico do objeto imediato. O objeto dinâmico é aquele que está fora do signo, mas também é em relação ao qual o signo existe. A maneira como ou sob quais aspectos esse objeto dinâmico aparece no signo vem a ser o objeto imediato.

ilustradores e artistas plásticos vinculados à *Folha*. Durante o trabalho de observação das rotinas no *Estadão*, entrevistei os editores e ilustradores enquanto acompanhava os seus trabalhos. Tive o cuidado de fazer as mesmas questões, previstas para os artistas plásticos e ilustradores da *Folha*, no sentido de colher dados que pudessem ser trabalhados, comparativamente, e, assim, identificar elementos na ordem da terceiridade (leis ou regras) e da primeiridade (possibilidade de tendências).

Evidentemente, houve uma diferença em relação às entrevistas realizadas, tendo como pano de fundo a presença na redação e a observação das práticas. Considero, no entanto, que este estudo chega às conclusões, sobretudo, pelas comparações entre os diversos discursos, observando singularidades (diferentes ocorrências ou tendencialidades) e recorrências (signos da ordem da terceiridade).

Na tentativa de compreender o funcionamento de cada um dos jornais, colhi diversos depoimentos. Esses situam-se muito na ordem da terceiridade, demonstrando, através dos discursos as regras praticadas, manifestações de valores/notícia ou valores estéticos. Há também a expressão de desejos e configurações pessoais mais próximas da ordem da primeiridade. Isso ocorre, pois essas representam, prioritariamente, tendências e possibilidades que cercam a concepção da atividade, mais do que regras convencionalizadas.

Eu fiz questão de transcrever, digitalmente, todo o material gravado (depoimentos orais, de caráter indicial e simbólico) e anotado em papel (minhas observações de índices e ícones, que caracterizam as práticas das redações). A transcrição do acompanhamento das rotinas e das entrevistas fez parte do processo de análise dos dados. A reflexão que produzi, nessa tese, resulta das questões que desenvolvi ao longo da pesquisa de campo. Pouco a pouco, passei das primeiras observações às entrevistas e, depois, às novas observações de rotinas. Elas ganharam um caráter de terceiridade, à medida em que explicitam conceitos e regras de caráter geral, que podem esclarecer a atividade de ilustração jornalística. Então, constatei a existência de elementos na ordem da primeiridade e secundidade, que possivelmente pudessem configurar elementos na ordem da terceiridade, e, nesse sentido, procurei revê-los ou questioná-los em novas abordagens. Os entrevistados, contudo, reagiram de maneira diferenciada e eu mesmo continuei reagindo aos depoimentos e percebendo novas questões, gerando novos índices, que poderão configurar novos conceitos, na ordem da terceiridade.

A tese reúne, em torno de questões centrais que emergiram durante o processo de pesquisa, afirmações feitas por um ou mais profissionais em diferentes momentos. É importante observar que o meu contato com os entrevistados – especialmente os ilustradores – pode ter levantado questões que, para eles, ainda não teriam emergido como motivo de reflexão. Surgiram contradições entre depoimentos feitos em diferentes momentos ou nas respostas de diferentes perguntas, de um mesmo ilustrador. Entre os signos das suas falas, pude configurar objetos imediatos na ordem da primeiridade, secundidade e terceiridade. No decorrer do texto da tese, alguns aspectos permanecem na ordem da primeiridade e secundidade. Por se tratar de um trabalho científico, entretanto, observo aspectos na terceiridade, de forma a poder confirmar ou não a minha hipótese de que a atividade de ilustração situa-se na fronteira de concepções jornalísticas e artísticas.

Há um pouco de caráter jornalístico na forma desse trabalho, em função do grande número de entrevistas realizadas para a sua realização. O material dessa pesquisa são depoimentos, ou seja, objetos imediatos, mas o objeto dinâmico que se tem em vista são as práticas jornalísticas e artísticas. Há que se considerar, no entanto, que existe muita dificuldade para entendê-las fora da ordem do discurso (plano simbólico), pois elas estão cercadas de elementos conceituais. O que se busca na comparação, justaposição e relação entre as falas – citadas sempre com a fonte em itálico – é aquilo que as ultrapassa no seu conjunto e que pode configurar a atividade de ilustração jornalística, entre elementos da ordem da estética e das teorias do jornalismo, numa abordagem semiótica.

As ilustrações são uma prática de ordem estética e jornalística. Elas tendem a ser negligenciadas nas abordagens da imprensa, como se não integrassem o jornal. Não podemos pensar somente os textos verbais jornalísticos e as fotografias, sem a indispensável consideração a essa parte do jornal. É limitada, nesse sentido, a visão de que somente o discurso verbal e as fotografias constituem o jornalismo em essência, o que repercute nas limitações do mercado de trabalho para ilustradores.

Uma atenção crescente aos aspectos estéticos da produção jornalística torna-se importante pela relevância da visualidade das diferentes mídias de caráter impresso, especialmente com a influência cada vez maior da hipermídia. As ilustrações são, geralmente, vinculadas aos textos, mas, nesta pesquisa, procurei observar a possibilidade de um certo grau de autonomia, o que é possibilitado no plano estético. É o que observei a partir de entrevistas e acompanhamento do

trabalho de editores de arte e ilustradores dos jornais considerados. Entre as tendencialidades, uma das questões mais importantes pode ser a "*liberdade*" no momento de sua criação. Isso é, sem dúvida, um problema de ordem estética, que se depara, também, com paradigmas jornalísticos, onde a busca de autonomia caracteriza o processo de profissionalização.

Os artistas e os ilustradores comentam que o que caracteriza e diferencia a arte é a "*liberdade*" de criação. Os estudos teóricos de jornalismo também pressupõem que a "*liberdade*" é inerente à prática jornalística, especialmente quanto às diferentes formas de censura às quais os jornais podem ser submetidos (TRAQUINA, 2004). Então, evidentemente, essa é uma questão importante a ser tratada na relação dos campos "artístico" e "jornalístico".

Ao longo do trabalho, apresento inicialmente os pressupostos teóricos da semiótica peirceana, as bases teóricas do jornalismo, as definições de ilustração jornalística e os conceitos relacionados, como os de caricatura e de história em quadrinhos; e noções fundamentais de estética e de história da arte.

Explicito as propostas dos artistas plásticos em relação à realização de ilustrações no jornal *Folha de São Paulo* e como eles vêem esse meio e suas características, analisando o resultado concreto de suas idéias em imagens publicadas.

Através da observação das rotinas e análise de ilustrações, notei como são os processos produtivos dos ilustradores profissionais. Defini o que vem a ser o estilo, as técnicas utilizadas, a relação estabelecida com as atividades jornalísticas de infografia e fotografia, as relações estabelecidas com editores e redatores, e a maneira como as concepções artísticas dialogam com a ilustração. Cheguei à problematização da dimensão estética como um espaço de liberdade.

Para pensar as ilustrações jornalísticas, é necessário situá-las em relação ao modo que o jornalismo vem sendo estudado e também à reflexão estética e da história da arte. Nesse sentido, visando à análise dessa forma de produção, situo-me junto às pesquisas conhecidas como interacionistas – que seguem à tradição dos estudos de *newsmaking*. Opto por um viés semiótico e tenho, como pano de fundo, como um efeito colateral produtor de sentido, elementos da história da arte.

Os estudos sobre jornalismo inserem-se no conjunto de teorias da comunicação, associando-se a estudos científicos que analisam a ação dos mídias nas sociedades e suas estruturas internas. Revelam a construção de concepções de comunicação, tendo como um dos aspectos principais o "valor/notícia". O estudioso Nelson Traquina vem contribuindo, de uma

maneira singular, com trabalhos que informam sobre os principais estudos que hoje são tópicos da pesquisa em jornalismo. Além disso, ele oferece suas investigações que contribuem para a compreensão e o aperfeiçoamento da atividade jornalística.

No nosso contexto acadêmico, os referenciais teóricos do jornalismo passaram, pouco a pouco, de um suporte técnico das práticas profissionais e da configuração de uma atividade específica, para uma visão crítica, cada vez mais complexa, dessa forma de trabalho. Buscam entender o seu papel, em termos epistemológicos, bem como sobre o seu tipo de ação social.

Na leitura de uma obra para outra de Nelson Traquina, percebe-se como a abordagem científica do jornalismo amadurece, definindo-se marcos e questões cada vez mais evidentes desse campo, ao lado de novas abordagens. Também a teoria semiótica, através do conceito de semiose, de acordo com Ronaldo Henn (2002), é uma importante ferramenta metodológica para estudos da produção jornalística.

Apesar de o compromisso ético dos jornalistas consistir, evidentemente, em não transgredir as fronteiras entre realidade e ficção, Traquina (2004) questiona a ideologia profissional que apresenta o jornalismo como sinônimo de realidade. Por trás dessas idéias que perpassam as rotinas, está a Teoria do Espelho, que se constituiu a partir da própria configuração do jornalismo como campo profissional.

A teoria do espelho e a idéia de objetividade estão plenamente associadas e correspondem à tentativa de definir eticamente e logicamente o papel social do jornalismo. São o ponto de partida que se depara hoje com diversos limites críticos. Os jornais, na sua ação efetiva, demonstram pretensas maneiras de tratar a realidade. Essas, de certa forma, podem ser contestadas pelas teorias da linguagem, semióticas e de análise do discurso. A definição de uma categoria profissional e um modo específico de tratar a realidade, em função de prestar a informação, no entanto, levou à constituição de um tipo de conhecimento relacionado a essa atividade. Isso evidencia a necessidade das teorias do jornalismo.

Traquina (2004) vincula a atividade do jornalismo à democracia e, assim, questiona as relações que se estabelecem entre jornalismo e poder. O relacionamento com as fontes de informação, por exemplo, é uma questão fundamental do jornalismo. Essa questão se depara com o problema da “autonomia”, com o tipo de ação profissional almejado por todo jornalista, mas se torna problemática diante das formas conceituais e organizacionais da atividade. O jornalismo pode ser observado nas práticas e ter, nas teorias, um ponto de vista constataador e crítico.

Diferente do pesquisador italiano Mauro Wolf (2001), que menciona as consagradas teorias do *agenda-setting*, do *gatekeeper* e de *newsmaking*, Traquina (2004) cita as teorias do espelho, do *gatekeeper*, a organizacional, de ação política, as construcionistas, a estruturalista e a interacionista – essa última da qual se diz partidário. Considera que elas não se excluem e que não são, obrigatoriamente, independentes umas das outras. As teorias do *agenda-setting* e *gatekeeper* estão intimamente relacionadas, por trabalharem com a idéia de seleção.

No segundo volume de suas *Teorias do Jornalismo*, Traquina (2005) afirma que sua intenção é “[...] *testar as conclusões principais da já vasta literatura de ‘newsmaking’ que se acumulou durante os últimos cinquenta anos.*” (TRAQUINA, 2005, p.14.). Dessa forma, mostra que o termo *newsmaking* pode estar englobando teorias voltadas para a produção jornalística, como é o caso da organizacional e da interacionista.

Ao descrever estudos teóricos sobre o jornalismo, no livro *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, Traquina (1993) informou que as análises de conteúdo foram enriquecidas com as análises etnometodológicas de cientistas sociais. Esses, “[...] *seguindo o exemplo do jornalista em reportagem, foram aos locais de trabalho, [...] e observaram com olhos analíticos e críticos*” (TRAQUINA, 1993, p.15). Observando as rotinas jornalísticas, os procedimentos que se repetem, os constrangimentos e os valores norteadores das atividades diárias, pesquisadores como Gaye Tuchman, John Soloski, Philip Schlesinger e Warren Breed teceram observações questionadoras dos preceitos que guiam as práticas profissionais e os resultados alcançados, entre os quais a teoria do espelho.

John Soloski (1993) nota que a “[...] *ideologia do profissionalismo tem fortes componentes anti-lucro e antimercado que estão manifestos na idéia de serviço à sociedade*”. Enquanto haveria a formação “educacional” do jornalismo, é no exercício da profissão, porém, que os jornalistas compartilham de uma base cognitiva. Dessa forma, apesar de um idealismo “anti-lucro”, que poderia existir, os profissionais tenderiam a se harmonizar com as regras de empresas capitalistas.

A idéia de “objetividade”, conforme Soloski (1993), seria uma das regras mais importantes, que consiste em relatar os fatos da maneira mais equilibrada e imparcial. “*Cabe ao jornalista procurar os fatos de todos os lados ‘legítimos’ de um assunto, e relatar depois os fatos de um modo imparcial e equilibrado.*” (SOLOSKI, 1993, p.96.) Para o autor, esta é uma maneira prática de lidar com as necessidades dos profissionais, das empresas e dos públicos.

A teoria semiótica⁵, através das noções de “semiose” e “interpretante”, demonstra como as mediações sógnicas são complexas. Por maior que seja a correspondência com o objeto dinâmico, as representações sempre dão conta desse objeto sob algum aspecto. Isso pode ser realizado, de acordo com conceitos pré-existentes, na categoria fenomenológica da terceiridade, que pode ser também entendida como “ideologia” no contexto jornalístico, expresso pelos valores/notícia.

Pelas “normas do profissionalismo”, poderíamos entender a cultura profissional. Essa, segundo Soloski, está em constante negociação com as políticas editoriais.

A natureza organizacional das notícias é determinada pela interação entre o mecanismo de controle transorganizacional representado pelo profissionalismo jornalístico e os mecanismos de controle representados pela política editorial. [...] As fronteiras são suficientemente amplas para permitir aos jornalistas alguma criatividade na reportagem, edição e apresentação das ‘estórias’. Por outro lado, as fronteiras são suficientemente estreitas para se poder confiar que os jornalistas agem no interesse da organização jornalística. (SOLOSKI, 1993, p. 100.)

Esses aspectos podem ser observados nas entrevistas realizadas nessa pesquisa, onde os ilustradores afirmam que realmente existem regras não-explicadas, as quais são percebidas nas práticas cotidianas. Mesmo assim, os entrevistados demonstram que almejam uma maior autonomia, em cuja definição entrariam concepções vinculadas à cultura profissional do jornalismo e uma visão do caráter artístico dessa atividade.

Mauro Wolf explica que os estudos de *newsmaking* colocam-se entre a “[...] a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos” (WOLF, 2001, p. 188.) Esse tipo de pesquisa busca identificar as relações e as conexões entre esses dois aspectos. Dentre eles é que vai se compreender como, por exemplo, entre uma abundância de fatos, somente alguns passarão a ser notícia para o veículo. O que é notícia não teria um valor idiossincrático, mas faz parte de um reconhecimento coletivo do que é notável e do que pode ser trabalhado de maneira planejada.

[A cultura profissional seria uma mistura de retóricas e táticas,] de códigos, estereótipos, símbolos, tipificações latentes, representações de papéis, rituais e convenções, relativos às funções dos mass media e dos jornalistas na sociedade, à concepção do produto-notícia e às modalidades que superintendem à sua confecção. (GARBARINO, 1982, apud WOLF, 2001, p.189.)

Wolf evidencia que o produto jornalístico resulta de uma série de acordos, praticamente orientados, em torno do que é escolhido para a publicação e como isso é publicado. Os

⁵ Ao longo da tese, busco pensar, também, as Teorias do Jornalismo a partir de apropriações oriundas da Teoria Geral dos Signos.

“valores/notícia (*news values*)” ajudam a determinar o que deve ser publicado. “[São] *critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção; isto é, não estão presentes apenas na seleção das notícias, participam também as operações posteriores, embora com um relevo diferente.*” (WOLF, 2001, p. 196.)

Considerando os estudos partilhados sobre os valores/notícia pelos autores Johan Galtung e Marie Holmboe Ruge, além dos de Richard V. Ericson, Patricia M. Baranek e Janet B. L. Chan, Traquina (2005) observa que Wolf foi o primeiro a perceber que os valores-notícia estão presentes ao longo de todo o processo de produção jornalística, não somente na seleção dos acontecimentos, mas ainda no processo de elaboração da notícia.

Em termos peirceanos, os valores/notícia seriam hábitos, princípios-guias que dão sentido às coisas das práticas cotidianas, nas rotinas jornalísticas.

Os jornalistas não podem, obviamente, decidir sempre ex novo como devem selecionar os fatos que surgiram: isso tornaria o seu trabalho impraticável. A principal exigência é, por conseguinte, rotinizar tal tarefa, de forma a torná-la executável e gerível. Os valores/notícia servem, exatamente, para esse fim. [...] [Os] valores/notícia devem permitir que a seleção do material seja executada com rapidez, de um modo quase ‘automático’, e que essa decisão se caracterize por um certo grau de flexibilidade [...] (WOLF, 2001, p. 197.)

Mudando com o tempo, os valores/notícia pressupõem uma semiose que se produz nas práticas jornalísticas. Essas podem ser vistas como réplicas ou não, através dos sentidos que se reproduzem e que, efetivamente, são criados em torno desses conceitos, na ordem da terceiridade. Wolf (2001) aponta, como exemplo, as páginas voltadas para os chamados assuntos culturais. Elas abordam espetáculos e artes, que antes não constituíam notícia e, hoje, são qualificadas desse modo, em função das mudanças. Essas mudanças são produzidas no interior dos veículos, na relação com outras mídias, nas relações com os públicos, correspondendo às respectivas transformações dos contextos sociais.

Os valores/notícia derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas ao conteúdo da notícia, à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo, ao público e à concorrência. Quanto ao seu conteúdo, a notícia se valoriza pelo nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no fato, o impacto sobre o interesse no contexto geográfico ou sociopolítico, a quantidade de pessoas que o fato envolve ou a relevância que o acontecimento possa ter no seu futuro desenvolvimento.

O professor Ronaldo Henn contribui com as pesquisas na linha interacionista, ao apropriar-se das teorias semióticas, para pensar a produção jornalística, nos seus livros *Pauta e Notícia* (1996) e *Os Fluxos da Notícia* (2002). Segue a linha de pesquisa conhecida como “crítica genética”, com o aporte peirceano desenvolvido por Cecília Salles (2000). Busca observar as rotinas jornalísticas através de “documentos de processo”, que servem como uma forma de registro dos movimentos de produção.

São documentos processuais que mostram o acompanhamento metalinguístico do processo ou registros de reflexões de uma maneira geral. Como exemplo teríamos as anotações, diários e correspondências. (SALLES, 2000, p.37.)

Tomando o conceito de semiose como um aspecto central, Henn (1996) questiona como os elementos da realidade são transformados em notícia, considerando que os procedimentos de pauta já produzem interpretantes antes da reportagem e que os fatos são mediados pelas fontes.

Na observação das práticas em jornais brasileiros de grande circulação, esse autor nota que o texto jornalístico é um produtor de sentido sobre a realidade, a partir de interpretantes gerados no interior das organizações. Isso ocorre com mediações estabelecidas por meio dos valores/notícia, além de estar circunscrito às mediações feitas sobre os fatos pelo acesso às fontes de caráter oficial geralmente.

Esse autor, no entanto, chama a atenção para o aspecto da “causação final”, a partir da semiótica peirceana. Apesar de todos os signos poderem mediar o objeto dinâmico somente sob algum aspecto, determinando assim interpretantes, esse objeto mantém a sua potencialidade de gerar novas semioses. *‘Possui uma ‘verdade’ inerente, cuja revelação potencial é a essência da causação final, que, no fundo, nunca se completa, dado o caráter infinito desse processo.’* (HENN, 2002, p.63.)

Tendo como pano de fundo a teoria falibilista de Peirce, Henn, no conjunto da sua pesquisa, questiona as práticas jornalísticas do ponto de vista ético. Afirma que a diversificação de linguagens e modos de produção pode contribuir para uma melhor compreensão da realidade, com diferentes formas de mediação.

No sentido de identificar esses critérios e preceitos do jornalismo, na atividade da ilustração, realizei entrevistas com os editores, ilustradores e artistas plásticos, ao lado do exercício de observação das rotinas nas redações dos jornais *Zero Hora*, *Estado de São Paulo* e *Jornal da Tarde*. Na *Folha de São Paulo*, optei por somente entrevistar os ilustradores, pois a

observação das rotinas voltadas especificamente para o veículo se tornou impossível, já que eles trabalham separadamente, em seus estúdios particulares ou residências.

As entrevistas feitas com os artistas plásticos se diferenciam daquelas feitas com os ilustradores, pois, no seu caso, optei por uma perspectiva que considere o seu posicionamento como artistas, indagando mais diretamente o papel da arte no contexto jornalístico. No caso dos ilustradores, nem sempre eles podem falar nessa perspectiva artística, embora alguns sejam também artistas plásticos. Foi, no entanto, com os ilustradores que eu pude obter, com maior propriedade, elementos que evidenciam as rotinas jornalísticas, sem desconsiderar uma possível perspectiva artística diante do seu trabalho.

Principalmente pelo referencial das teorias voltadas à produção jornalística, minha pesquisa está embasada em estudos de campo, com entrevistas e observações do cotidiano profissional, demonstrando aspectos dos trabalhos de dezenas de ilustradores e artistas plásticos consultados, ao lado da análise semiótica dos seus produtos. Nesse conjunto de observações, busco identificar semioticamente como os valores/notícia se manifestam na práticas das ilustrações, o que Wolf (2001) chamaria de “*fase de apresentação*”.

Dessa maneira – tendo como pano de fundo as teorias do jornalismo – foram cristalizados os elementos de observação que, basicamente, constituem a construção da tese, ao lado das análises de algumas ilustrações. Na ordem da terceiridade, – as diversas circunstâncias que caracterizam as ilustrações jornalísticas – poderiam ser compreendidos com a verbalização de regras, procedimentos, atitudes e conceitos emitidos pelos ilustradores. Na ordem da secundidade, as diferentes ocorrências de fazeres durante o acompanhamento dos trabalhos indicam como a atividade existe de fato. Entre as imagens produzidas, o que indica a diferente forma de atualização dessas regras e desses fazeres, nas páginas do jornal, é possível relacionar as diferentes ocorrências, na ordem da primeiridade, no ponto de vista da semelhança ou diferença qualitativa, percebendo tendencialidades.

Bibliografia:

- 1 HENN, Ronaldo. Jornalismo Impresso: Uma Crise Semiótica. **Verso & Reverso**, São Leopoldo, n.25, p.123-131, ju./dez. 1997.
- 2 _____. **Os Fluxos da Notícia**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- 3 _____. **Pauta e Notícia**. Canoas: Ulbra, 1996.

- 4 PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers**. Charlottesville (Estados Unidos): InteLex, 1994. 1 CD-ROM, Windows XP.
- 5 _____. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- 6 _____. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- 7 SALLES, Cecília. **Crítica Genética: Uma (Nova) Introdução**. São Paulo: EDUC, 2000.
- 8 _____. **The process of journalistic production**. Encontro da International Association for Media and Communication Research. GT: Media Production Group. Mesa: Production cultures, Julho, 2004.
- 9 _____. **A Teoria Geral dos Signos**. São Paulo: Pioneira, 2000.
- 10 SOLOSKI, John. O Jornalismo e o Profissionalismo: Alguns Constrangimentos no Trabalho Jornalístico. In: Traquina, Nelson. **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. Lisboa: Vega, 1993. p.91-100.
- 11 TRAQUINA, Nelson et al. **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. Lisboa: Vega, 1993.
- 12 _____. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.
- 13 _____. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.
- 14 WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.